

Edição
Digital

Apóstola do Amor e da Fraternidade

Perfil biográfico de Irmã Maria Clara Fietz

Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição - FIC



Autor: Irmã Ana Carolina dos Santos
FIC
Edição Digital





Autora: Irmã Anna Carolina dos Santos (FIC)

A autora é paulistana, pertence à Congregação Franciscana da Imaculada Conceição (FIC). A casa provincial no Brasil está sediada em Araraquara, estado de SP e a Casa Geral (Casa Mãe) em Graz na Áustria.

Sinopse: *Nesse livro Irmã Anna Carolina nos apresenta um perfil biográfico de Ir. Clara Fietz, da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, com sede em Graz, Áustria, cujo processo de beatificação encontra-se em Roma. Irmã Clara era natural de Lindewiese, Silésia, Áustria, (hoje Tchecoslováquia). Pessoa profundamente humana e alma mística, foi antes de tudo, uma Religiosa dedicada a Deus e ao próximo. Seu lema: “**Sorrindo quisera atrair todos ao amor de Deus**”. Portanto, “Apóstola do Amor e da Fraternidade”. Sua vida foi, a um tempo, tão curta e tão intensa, teve um ideal: viver em íntima união com o Senhor e atrair todos ao Amor de Deus. Para isso escolheu ser religiosa. Sendo religiosa, foi também professora. O importante, porém, foi a maneira com que realizou sua tarefa, e isso a autora procura nos mostrar nesse livro.*

1ª Edição:1984 / Edição Digital: 2012



Editora Salesiana Dom Bosco
Cx. Postal 30.439 (Rua da Mooca, 766)
01051 São Paulo SP
Fone: (011) 279-1211
Telex: (011) 32.431 ESPS BR

**"SORRINDO, QUISERA ATRAIR TODOS
AO AMOR DE DEUS."**

Diário, 9/10/1935

Caro leitor,

a vida que ora lhe é apresentada nada tem de extraordinário. Foi extremamente simples, como a de tantos dentre nós: mesclada de alegrias e tristezas, de quedas e de vitórias, de acontecimentos bons e de fatos dolorosos. E, talvez, aí esteja o segredo de seu encanto. Isto vem nos provar, uma vez mais que, diante de Deus, a grandeza da vida não está em ações estupendas, mas em colocar todo nosso ser, todo nosso amor, nos pequenos atos cotidianos que a vida nos oferece; em procurar, acima de tudo, transmitir a serenidade de nosso espírito e levar o sorriso e a vontade de viver aos que nos rodeiam.

Irmã Clara, cuja vida foi, a um tempo, tão curta e tão intensa, teve um ideal: viver

em íntima união com o Senhor e atrair todos ao Amor de Deus. Para isso escolheu ser religiosa. E sendo religiosa, foi também professora. Haverá profissão mais humilde e anônima? O importante, porém, foi a maneira com que realizou sua tarefa. E no silêncio de seu coração e no desvelo com que, dia a dia, recomeçava seu trabalho e procurava ser "toda para todos", se tornou uma alma de escol, transbordou em graça e, com seu sorriso, arrebatou muitas almas a Deus.

A Autora

No horizonte da Silésia, brilha uma estrela

...E a luz da estrela guiará seus passos pelas sendas da paz... e do Amor!

6 de janeiro de 1905. Festa dos Reis Magos. Dia frio, mas o céu está azul e o sol brilha na pequena e romântica aldeia de Nieder-Lindewiese, na Silésia.

Na casa de Adolfo e Josefina Fietz, inquietação incomum. De repente, um choro de criança. E a inquietação cede lugar à alegria.

Voltando-se para a pequenina primogênita, o pai, Adolfo, exclama:

— Nasceu! Nasceu! É uma menina.

Pai e filha se abraçam.

Logo depois, se aproximam da mãe, Josefina, que radiante apresenta-lhes a nova criaturinha:

— Vejam como é linda! E hoje é festa de Reis. Foram eles que no-la trouxeram como uma dádiva do céu.

Dias depois, como era costume nos lares cristãos, a menina foi batizada, recebendo o belo nome de Rosa.

“Raio de Sol”

Nieder-Lindewiese, onde vivia a família da pequena Rosa, pertencia, na época, ao Império Austro-Húngaro. Após o Tratado de Paz de Saint Germain, em 1919, foi incorporada à nova República da Checoslováquia. Região alpina, cheia de belezas naturais, à margem do rio Staritz, de clima ameno, ar puro e muitas flores a enfeitar sua paisagem — tudo isso iria favorecer o desenvolvimento sadio e tranqüilo da criança.

O pai, Adolfo Fietz, descendia de família respeitável, era escultor e dono de uma pedreira, onde trabalhava. Era jovem, cristão fervoroso, de índole pacífica.

A mãe, Josefina Kirchner — jovem operária, nobre de sentimentos, dotada de piedade edificante e prendas naturais — atraía os olhares de Adolfo, o patrão.

De nada valeram as tentativas da família Fietz, rica e de alta posição social, para impedir casamento tão desigual: do patrão com uma pobre operária que polia pedras! O amor, afinal, é mais forte e ambos conseguem realizar seu sonho.

Josefina não decepcionou seu marido. De inteligência viva, educação primorosa, foi esposa exemplar — a mulher forte de que fala o Evangelho.

Além de Tilli, como era apelidada a filha mais velha, e Rosa (a nossa Ir. Clara), mais uma menina vem alegrar o lar — Paula.

A família vive feliz, repartindo seu tempo entre o trabalho, os atos religiosos e o carinho dedicado às crianças.

E Rosinha, como logo passaram a chamar a segunda filha do casal, cresce alegre e despreocupada — um “Raio de Sol”, afirma a mãe.

A Cruz visita a família Fietz

Certo dia as três crianças brincavam na rua, diante da casa paterna. Aproxima-se uma carroça.

Para alertá-las, o carroceiro dá um estalido com o chicote. As duas maiores, Tilli e Rosa, correm e gritam para a irmãzinha:

— Paula, depressa! Vem!

Mas, é tarde. Os cavalos, assustados, disparam e a pequenina fica debaixo das rodas pesadas da carroça.

Quanta dor para todos!

Todavia, a fé e a esperança cristãs falam mais alto e a família, resignada, recomeça a vida normal, pedindo a Paula, agora no céu, que seja seu anjo protetor.

Tilli e Rosa ficam sós e, apesar de ainda pequenas, procuram preencher no lar o vazio deixado pela irmãzinha.

No coração de Rosinha palpita a vida

Rosinha era uma criança como tantas outras de sua idade: comprazia-se em brincar, correr, passear pelos campos; encantava-se com a natureza, observava... Era a vida que nela transbordava.

Aos 6 anos entra para a escola primária. O prédio escolar era contíguo à igreja. Com isso, escola e igreja tornam-se cedo, para ela, lugares familiares e indispensáveis: na escola, busca o saber humano; na igreja, aprofunda-se no mistério de Deus.

A mãe, sobressaltada desde a trágica morte de Paulinha, não se cansava de recomendar:

— Filhinha, muito cuidado nas ruas com os carros. Muita atenção!

Ao que, infalivelmente, a pequena respondia:

— Não se preocupe, mamãe. Logo que terminarem as aulas, estarei de volta.

A menina era de constituição sadia, porém delicada. Com o passar dos anos, seus traços iam se delineando. O que mais nela se destacava era o olhar sereno, meigo e firme, a ponto de uma de suas professoras confessar:

— Quem poderá resistir a esse olhar?

Como sói acontecer, Rosinha teve também suas amizades prediletas. Já na escola primária afeiçoou-se a uma coleguinha, com quem sempre trocava confidências: era Hedwiges, filha de um professor — o Sr. Francisco Prochaska, que igualmente ocupou lugar de destaque na vida da pe-

quena. Além dele, guardava ainda lembrança especial de dois outros professores: o Sr. Teodoro Franke e o Sr. Emilio Hermann.

A partir desses primeiros anos de estudos, Rosinha revelou grande inteligência, perspicácia e espírito de observação. Suas composições literárias, de estilo original e pitoresco, causavam admiração aos mestres.

Sonho desfeito

Vendo o progresso da filha, sua inteligência precoce, o casal Fietz começa a sonhar com um futuro brilhante para ela: assumir a gerência da empresa paterna — a pedreira. Para tal era mister, em primeiro lugar, freqüentar uma escola de comércio. Depois... O vizinho, dono de outra empresa, negócio de vulto, tinha um filho... Seria o jovem ideal. Rosinha se casaria com ele e os dois seriam ricos e felizes. Assim sonhavam Adolfo e Josefina, quando sombras negras caem sobre a família.

Sombras e luzes

Em princípios de 1914, quando Rosinha tinha apenas 9 anos, o pai, ainda moço e sustentáculo da família, é acometido de grave enfermidade e no dia 29 de março sucumbe à doença. Golpe duro e inesperado para a família. Josefina fica sozinha com as duas filhas.

Contudo, a fé inquebrantável de que eram possuídas faz com que superem perda tão cruel.

O túmulo do pai torna-se, para Rosinha, o lugar mais querido na terra. Nunca se esqueceu de enfeit-lo com flores frescas. Mesmo quando, já longe de casa, não mais podia fazê-lo pessoalmente, pedia  mãe e  irma que não se esquecessem da sepultura do pai.

Nem bem estavam refeitas dessa dor, nova sombra negra, agora bem mais pesada, surge. E não são para elas, mas para toda a Europa e mesmo para o mundo: em 28 de julho irrompe a Primeira Guerra Mundial, que tem como causa imediata o assassinato do herdeiro ao trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando, em Serajevo, na Sérvia (28/06/1914).

A mobilização das forças militares se faz necessária. A guerra é o monstro que tudo devora e destrói. Todos os recantos da Áustria são atingidos. Também a pedreira da família Fietz sofre as consequências. Os melhores operários são chamados s armas.

Seria possível continuar levando adiante o trabalho da empresa?

Até há pouco, o marido tinha garantido certo bem-estar. Agora, tudo parecia acabado.

Josefina, no entanto, era mulher de coragem e sabia enfrentar a vida com suas lutas e dificuldades. Com a família do esposo não podia contar: continuava distante e alheia aos acontecimentos. Resoluta, como sempre, chama as filhas e lhes diz:

— Arrendaremos a pedreira e toda a empresa do papai. Voltarei a polir pedras, como antes do casamento. E, para o nosso sustento, vamos culti-

var o terreno perto da casa e da pedreira e cuidar, também, dos nossos animais.

As filhas acatam com firmeza e respeito a resolução da mãe. E, apesar do vazio deixado pelo pai, a vida continuou com suas luzes e sombras, mas sempre alimentada pela fe e pela esperança que nunca, em crise alguma, seriam abaladas.

Todas essas dificuldades e sofrimentos, e a personalidade firme da mãe para solucionar os problemas, certamente inspiraram Rosinha (anos mais tarde) a dedicar-lhe uma poesia. Nela Rosinha revela todo seu amor e gratidão:

Mãe!
Perfume suave em tudo!
Tudo está a florir!
Primavera, sol e felicidade me invadem;
profunda ventura, alegria sublime
perpassam minha alma:
tenho mãe! De nada sinto falta.
Mãe! Abisma-te no meu olhar!
V o brilho das estrelas!
Penetra em meu coração; ei-lo a dizer:
Eu te amo!
Amo-te como a ninguém mais na terra!
Haja tempestades lá fora,
estarei contente e feliz,
se tuas mãos me afagam...
E poderia ser diferente, mãezinha?
Poderia jamais esquecer aquele amor
que tão ternamente me envolvia,
incompreensível, sem medida?
Quantas vezes deixaste o descanso, o lazer,
só porque a filhinha te reclamava,
só por ser teu amor tão profundo.

Agradeço-te, mãe.
Porém, a recompensa, outro, um dia,
a dará:
Ele, Deus, te pagará,
pois, para cada sacrifício, reserva uma
coroa imperecível!

Do pai, a quem tanto amou, pouco fala; como,
aliás, pouco se manifesta sobre aquilo que mais
lhe toca o coração.

Dois acontecimentos marcarão ainda a vida de
Rosinha, nesse período: seu primeiro encontro
com Cristo na Eucaristia e a recepção do sacra-
mento da Confirmação, que lhe trazem mais entu-
siasmo, mais convicção para sua vida cristã, uma
grande paz e alegria interior.

Estudos em Freiwaldau

Tendo terminado a escola primária, e diante
dos ótimos resultados obtidos, a mãe matriculou-a
no Colégio das Ursulinas, em Freiwaldau, pequena
cidade a seis quilômetros de Nieder-Lindewiese.

O curso seria de três anos e Rosinha se pro-
punha a um longo percurso por estrada-de-ferro,
todos os dias. Hedwiges, sua amiga, iria fazê-lo
também e, assim, mutuamente se apoiariam.

A viagem e os estudos não seriam fáceis, mas
ela estava feliz. A morte do pai, as vicissitudes e
provações da família modificaram um pouco seu
temperamento: tornaram-na grave e compenetrada
do dever.

Zelo missionário

É desta época um episódio edificante e que
bem revela o espírito missionário das duas estu-
dantes.

Os missionários angariavam esmolas para seu
trabalho junto aos africanos. A juventude cristã,
entusiasta, participava da campanha.

Rosinha e Hedwiges deliberavam como pode-
riam tomar parte. A última sonhava ser missioná-
ria e estava às vésperas de realizar seu belo sonho.

— Rosinha, você há de ser missionária
também.

— Não sei. Tenho vocação para o ensino, mas
não deixo de sentir em mim o ideal missionário.

— Vamos então, desde já, trabalhar pelas
Missões.

— Como? À minha mãe não posso recorrer,
pois trabalha tão duramente para o nosso sustento.
E tampouco quero ajudar as Missões com dinheiro
alheio. Deve ser dinheiro nosso, ganho por nós.

— Tenho uma idéia!

— Eu também! Já sei. Tenho certeza que é a
mesma.

— Qual?

— Voltaremos a pé para casa, todos os dias.
Dará certinho e ninguém notará. Ao invés de espe-
rarmos o trem uma hora, partiremos assim que as
aulas terminarem e chegaremos à mesma hora que
nossas colegas.

— Combinado. Começaremos hoje! — E apertaram-se as mãos.

Por longo tempo assim o fizeram, oferecendo o dinheiro, e o sacrifício da caminhada a pé, aos missionários.

Ninguém descobriu a “façanha” das duas. Só mais tarde, quando noviça, a própria Rosinha contava o fato às suas co-irmãs.

A revelação do segredo

Depressa se escoaram os três anos de estudos. Rosinha já tinha, nas mãos, seu primeiro certificado. Agora, a mãe pensava em mandá-la para uma escola técnica — idéia já acalentada pelo falecido esposo.

— Minha filha, quero colocar-te numa escola de comércio, onde poderás preparar-te para assumir os negócios da família. Tens diante de ti um belo futuro. Este foi sempre o desejo de teu pai.

A jovem viu chegada a hora da decisão, a hora em que deveria revelar à mãe seu segredo. E foi com franqueza que respondeu:

— Não, mãe, não posso! Quero me consagrar a Deus na vida religiosa.

Para Josefina foi uma surpresa. Viu, mais uma vez, desfeito seu belo sonho. Todavia, aceitou a resolução da filha. Sabia que, ponderada e criteriosa, Rosinha não teria tomado tal decisão sem antes refletir muito.

Longe de se opor à vontade de Deus, a própria Josefina — como outrora o fizera o pai de Santa

Terezinha —, heroicamente decidida, resolveu advogar a causa da filha, cuja compleição delicada poderia dificultar a realização de seus anseios.

Vai, com a menina, às Ursulinas. Não tinham sido elas as suas educadoras? E não guardava Rosinha, por essas boas religiosas, grande veneração? Foi certamente nesse convívio que brotaram, de seu coração aberto, os primeiros pensamentos para a vida religiosa.

No entanto, os desígnios de Deus sobre nossa jovem eram outros. O clima de Freiwaldau não era saudável e a Regra das Ursulinas muito rigorosa para a sua frágil constituição. Por sua vez, Rosinha alimentava em seu íntimo um desejo: já que sacrificaria o aconchego do lar e o amor pátrio, seu sacrifício deveria ser total. Entraria para um convento, sim, mas convinha que fosse longe de sua terra natal. Deste modo poderia, mais facilmente, doar-se inteiramente ao Senhor.

Por ora, porém, à sua frente nada se vislumbrava.

...A luz da estrela parecia ter-se ofuscado além do horizonte.

E, enquanto assim cogitava, vejamos o que aconteceu.

A estrela dos Magos brilha novamente

Lembra-se? Rosinha nasceu no dia de Reis, e a estrela do Oriente nunca deixou a nossa jovem. Muitas vezes, é certo, ocultou-se, tal como para os Magos; mas, sempre, no momento exato, voltou a brilhar. Em uma de suas poesias lemos o seguinte:

Se após as lutas da vida
queres alcançar a paz,
é mister que tenhas guia,
das estrelas sigas atrás...

Uma idosa Ir. Ursulina, M.^o Josefa, lembrou-se que, quando menina de seus oito, nove anos, vivera como aluna interna das Irmãs das Escolas Cristãs (hoje, Franciscanas da Imaculada Conceição) em Graz, ao sul da Áustria. Delas guardava boas recordações. Venerava as antigas mestras. O clima da Stíria, onde Graz está situada, é melhor que o da Silésia e a clausura das Irmãs não era tão austera quanto a das Ursulinas.

P.^o Rössler, tio de M.^o Josefa, e que também conhecia essas Irmãs, poderia ajudar a jovem na consecução de seu ideal.

Josefina achou ponderáveis os argumentos. Sentiria, na verdade, essa separação, marcada por tão grande distância. Dispôs-se, entretanto, a aceitar a vontade de Deus.

Rosinha, no íntimo, rejubilava-se. Sentia que estava prestes a realizar o seu intento. Era a luz da estrela que novamente voltava a brilhar, indicando-lhe o caminho.

Rumo a Graz

Estamos em 1919. A guerra havia terminado, mas deixara a Europa abalada; suas conseqüências ainda perduravam por todo mundo. Na geografia política, uma revolução: novos Estados surgiam, as fronteiras das nações se modificavam, repúblicas

sucediam aos impérios. Agitação por toda parte. A Alta Silésia, onde a família Fietz residia, deixava — como já vimos — de fazer parte do Império Austro-Húngaro para incorporar-se à Checoslováquia.

Apesar das dificuldades do momento, com o auxílio das Ursulinas e do P.^o Rössler, Rosinha estabeleceu correspondência com M.^o Batista Minks, superiora geral das Irmãs de Graz, pedindo sua admissão como juvenista. Conhecedora de sua reta intenção — “tornar-se religiosa, para melhor servir a Deus” — M.^o Batista dá à jovem silesiana o seu consentimento, fixando a sua entrada para o dia 31 de agosto desse ano de 1919.

Rosinha recebeu a notícia e, radiante, foi logo comunicá-la à mãe:

— Mãe, fui aceita. Devo partir brevemente.

Novo susto para a mãe Josefina!

— Mas, filha, você ainda não tem o necessário e não podemos arrumar tudo tão depressa. Estamos justamente na época mais difícil do pós-guerra. Espere um ano e, nesse intervalo, conseguiremos o que precisa.

Rosinha concordou e escreveu para Graz. M.^o Batista prontamente lhe responde:

— Se este for o único motivo da demora, pode vir; providenciaremos o que faltar.

Já não havia mais dúvidas. A jovem arrumou como pôde suas coisas, despediu-se dos amigos e estava pronta para partir. Abraçou a mãe e a irmã, que choravam. Ela, num misto de dor e alegria, não chorava. Em seu coração já sentia as saudades

do lar e da terra natal, mas teve forças para ir em busca de seu ideal.

Em companhia do Sr. Spielvogel, talhador de pedras em Nieder-Lindewiese, tomou o trem que a levaria até Viena. De lá seguiria rumo a Graz. Era o dia 29 de agosto. A viagem duraria um dia e meio.

Rosinha tinha apenas quinze anos...

Mais uma vez, desaparece a estrela

Em Viena, despede-se do Sr. Spielvogel. O restante da viagem fará sozinha.

Chega a Graz.

"Sozinha! E ninguém a esperar-me!... O telegrama mandado de Viena não deve ter chegado! Que fazer?"

Deveria ir a Eggenberg, onde ficava o convento. Mas, em terra estranha, nada sabia, nem conhecia pessoa alguma.

Ao ver uma charrete passando, se decide. Chama pelo charreteiro:

— Por favor, conhece Eggenberg?

— Sim, menina. Quer ir para lá?

— Devo chegar ao convento das Irmãs das Escolas Cristãs. Meu telegrama deve ter atrasado!

— Suba! Levarei você, sã e salva, ao seu destino.

Pelo caminho, enquanto conversavam, ia apreciando a paisagem. Graz é hoje a segunda cidade

da Austria, contando com cerca de 250 mil habitantes. Na época, deveria ter 120 mil. Situa-se no extremo sudeste do país e é a capital da Stíria. O rio Mur atravessa-a de norte a sul. Está cercada por montanhas não muito altas, mas, por vezes, abruptas e perigosas para alpinistas pouco experientes. Seu clima agradável e o verde da vegetação descansam os olhares dos visitantes. Várias igrejas, escolas (entre elas duas universidades), casas de comércio e indústrias, além das casas residenciais, completam a paisagem. Tudo isso nossa jovem ia apreciando, enquanto os cavalos trotavam pelas ruas da cidade.

Em seu íntimo, contudo, alimentava apenas um sentimento: "doar-se totalmente a Deus, seu único grande Amor". Este sentimento, Rosinha não o podia traduzir em palavras. Tudo permanecia escondido dentro dela, acessível somente Aquele a quem ela procurava, tal qual a esposa, no livro do Cântico dos Cânticos.

Diante de um portão, a charrete pára.

— É aqui. Chegamos.

Rosinha olha e, com os olhos da alma, vê no alto da casa, a brilhar novamente e com mais intensidade, a luz da estrela. Era o dia 31 de agosto de 1919. Desde então essa luz ocultar-se-ia em seu coração, até o dia em que retornaria à Casa do Pai.

Um novo lar

A recepção transcorreu alegre e calorosa. Todas se admiraram de sua coragem. (Só dias mais tarde chegaria o telegrama!)

Fatigada da viagem, após a acolhida carinhosa das Irmãs, Rosinha se preparou para descansar. E, no dia seguinte, a primeira coisa que fez foi escrever à mãe e à irmã, narrando detalhadamente os últimos acontecimentos.

A casa que abrigou a nova juvenista era (e ainda o é) muito grande. Está ali a sede geral das Irmãs Franciscanas; o lugar, pitoresco e saudável. Bem perto, os Alpes da Stíria. Um espetáculo deslumbrante para os que ali chegam.

Novos estudos

Na época, as Irmãs recebiam as jovens a partir dos catorze anos e lhes ministravam educação aprimorada, preparando-as para o magistério.

De início, Rosinha precisou fazer provas de admissão para o Instituto de Formação para Professoras, no que foi bem sucedida. Começou, então, o Curso Normal, com duração de quatro anos.

Acostumou-se logo ao novo ambiente, sem, no entanto, esquecer os seus entes queridos, sua terra natal. A saudade dos que lhe eram caros se aninhara no fundo do coração, embora não o percebessem os outros.

Em breve se distinguiu como ótima aluna. Em suas composições manifestou, cada vez mais, a profundidade de seus pensamentos, seu talento poético.

As conseqüências do pós-guerra não haviam ainda terminado. Em 1920, grassa pela Europa a famigerada gripe espanhola, que ceifa inúmeras

vidas. Nem o convento escapou. E era com tristeza que a jovem via as Irmãs partirem para a eternidade. Ela mesma contraiu a gripe, tendo de ficar vários dias presa ao leito. Felizmente, superou o mal e pôde continuar seus estudos.

Estimada por todos, era de uma fidelidade exemplar, meiga e caridosa. Mostrava-se satisfeita quando podia ajudar os outros.

No além-mar, um novo sinal de esperança

1922. Uma grande alegria estava reservada para toda a comunidade religiosa: a Congregação que Rosinha já considerava como "suas Irmãs" iria, pela primeira vez, dar um passo para "além do oceano". Era fevereiro, e seis Irmãs viajariam para o Brasil, onde iriam encetar novo e promissor campo de ação. Entre elas, como superiora e fundadora da nova Província, estava M.^o Batista Minks, que a recebera como juvenista há três anos atrás. Toda a juventude do claustro preparou para as pioneiras uma grande festa de despedida.

Foram dias de muita emoção, mesclados de tristeza e júbilo: tristeza pela separação, júbilo pela esperança de um frutuoso trabalho na hospitaleira e encantadora "Terra de Santa Cruz".

Uma nova revelação

Embora inteligente e de elevado dom artístico, Rosinha fora sempre um pouco tímida. Não lhe agradava ser, por algum motivo, colocada em destaque. Qual não foi, por isso, sua surpresa, quando

no inverno de 1923 (tendo já sido admitida ao Postulantado) escolheram-na para desempenhar o principal papel numa apresentação teatral que se intitulava *A Rainha do Oriente*, de cunho missionário.

E mais surpresos ainda ficaram todos pela maneira como desempenhou tal tarefa. Por muito tempo se falou em Eggenberg da "grande artista".

Nesse mesmo ano, terminou o Curso Normal e o tempo de Postulantado. Estava prestes a ser admitida ao Noviciado. Antes, porém, passaria, com a família, suas últimas férias. Contava então dezanove anos. Uma linda jovem, sempre modesta e com aquele amável sorriso a lhe iluminar a fisionomia.

Um "não" corajoso ratifica sua decisão

Havia ainda em muita gente, amiga da família Fietz, a esperança de que Rosinha desistisse da vocação, para casar-se com o filho do rico industrial de sua terra e que ainda estava apaixonado pela encantadora jovem.

Um dia, já no fim de suas férias, vai ao cemitério visitar o túmulo do saudoso pai. Enquanto reza, aproxima-se dela um jovem: é o filho do rico industrial. Comovido, dirige-lhe a palavra:

— Rosinha, não se lembra da promessa de nossos pais? Não se recorda dos sonhos de seu pai, que morreu com a esperança de que um dia nos uniríamos em casamento? Por que não vem? Seremos as criaturas mais felizes do mundo. Por que teima em se encerrar num convento?

— Não, não posso! Um amor mais alto fala dentro de mim e não poderei abafá-lo. Adeus!

Dias depois, a jovem partia feliz. Voltava a Eggenberg, onde iria se consagrar para sempre ao Senhor.

Diante do altar

30 de agosto de 1923. Após o retiro espiritual, Rosinha e mais treze companheiras fazem sua entrega total a Deus. Na flor dos anos, nos albores da juventude, começa a nova vida que a levará à montanha do Divino Amor e a tornará um exemplo de religiosa, uma colega inesquecível, uma confidente para suas co-irmãs e alunas.

Vencera as oposições mais tenazes. Consagrar-se-ia toda ao Senhor, imolar-se-ia pelas almas, seguindo o pequeno caminho traçado pelo "Anjo do Carmelo", sem perder de vista o ideal da fundadora, M.^{te} Francisca Lampel: *Viver entre os homens como instrumento humilde e pequeno, e em contínua união com Deus.*

Que terá cantado sua alma, diante do altar?

Um trecho de suas poesias pode dar-nos a resposta:

Ó minha alma, exulta, alegre-te tu também!
Que é esse lícido jogo de cores
da primavera?
Que é o aroma das flores, o canto
dos passarinhos?
O encanto mágico de toda a natureza?

Mera sombra daquilo que hoje me foi dado contemplar.
A meus olhos abriu-se hoje uma terra, um paraíso,
tão cheio de ventura e gozo, de amor e de luz,
que alegremente, ó mundo, eu te digo:
Adeus!

A Vestição, ou seja, a entrada para o Noviciado, onde a jovem se aprofunda na preparação para a emissão dos votos, é uma cerimônia que se reveste de um brilho festivo especial. É um acontecimento marcante não só para a Família religiosa como também para a família à qual pertence a jovem. Todos devem partilhar dessa alegria, razão pela qual são convidados.

Rosinha, no entanto, já se tinha resignado em não ter ninguém dos seus perto de si. A viagem era muito longa, dispendiosa e cansativa. Qual não é, portanto, sua euforia, quando vê a mãe presente à cerimônia! Com que carinho a abraça e agradece o sacrifício!

Diante do altar, as futuras noviças recebem das mãos do celebrante o hábito e o livro da Regra, e, numa comovente liturgia, são convidadas a servir a Cristo e aos irmãos. Na época, era também costume deixar o nome de batismo e ganhar um novo nome, simbolizando a vida nova que iria começar.

Toda a assembléia está curiosa. Com solenidade, diante de Rosinha, diz o celebrante:

— *De hoje em diante, não mais vos chamareis Rosa Fietz, mas Irmã Clara.*

Como ficou emocionada! Era o nome da primeira discípula de São Francisco. E, da mesma forma que ela, Ir. Clara seguiria os passos do seráfico Pai. No dia de sua profissão perpétua, associará ao de Clara o nome de Maria: *Maria Clara Fietz.*

Uma nova vida

No dia seguinte à Vestição começa para as noviças a vida simples do convento. Transposto o limiar da clausura, Ir. Clara vai desvendando o mistério que a fascina, aprofunda-se na espiritualidade da Congregação e na vida de São Francisco. Leva uma vida simples, comum, oculta. Em nada se distingue das outras. É feliz e mostra sempre aquele sorriso cheio de bondade — aberta e suscetível a tudo que é bom e belo, a todos os acontecimentos. Continua, porém, ciosa de guardar seu íntimo só para Deus.

Rápido transcorre o ano do Noviciado. Ao final deste, está apta para a emissão dos primeiros votos e início de sua vida como religiosa.

A consagração

A 31 de agosto de 1924 emite, com grande unção e firmeza, os três votos — pobreza, castidade e obediência —, pelos quais se entrega inteiramente a Deus. Está realizado seu ideal tão belo e pelo qual tanto lutou e sofreu.

Os primeiros votos eram emitidos por três anos. Findo este tempo, a juniorista fazia os votos

perpétuos. Entretanto, já na emissão dos votos temporários, devia ser demonstrada a intenção de uma doação por toda vida. Tão profunda foi esta convicção para Ir. Clara que a felicidade que esse ato trouxe à sua alma, ela própria no-lo proclama em seus versos:

Eu agora sou dEle, sou de Deus,
eternamente!
O meu amor virginal só a Ele pertence!
Onde há esposa que comigo se possa
comparar?
Onde, o amor que sobe até os céus?
E escolhe para si o Ser mais formoso
como o eleito do coração?
Podendo ser chamada pelo próprio Deus:
Esposa do meu Coração?
Ó amor, fugitiva fragrância de rosas, adeus!
Vai-te! Privo-me de ti, sem sombra de dor!
Pois agora sou de Deus, eternamente
de Deus!
O meu amor virginal só a Ele pertence,
a Ele tão-somente!

Rosas e espinhos

Logo após a profissão, a ordem é: — "Partir".
Para onde?

Não importa! O importante é, daqui em diante, poder servir, dedicar-se ao próximo, doar-se em oblação a Deus que por nós veio à terra e se fez humilde criatura. Com tanta clareza a jovem religiosa via esse novo tipo de vida, que foi com espí-

rito alegre que recebeu a notícia de sua primeira transferência: — Saint Georgen, e deu seu primeiro "sim" à obediência.

Ali vivia uma pequena comunidade, de apenas cinco Irmãs. Bem diferente de Eggenberg: mais simples, acolhedora e familiar. Viviam pobremente, sobretudo tendo-se em vista as conseqüências ainda remanescentes do pós-guerra. Sua principal atividade: — o trabalho na escola.

Ir. Clara sentia-se feliz em poder colaborar e todas estavam satisfeitas em tê-la em seu meio, quando algo imprevisto aconteceu. A recém-chegada era jovem e bela. Alguns moços levianos começaram a perturbá-la, no seu trajeto para a igreja. Com isso, todas sofriam. Não adiantaram palavras e conselhos. As provocações continuaram e, não bastando isso, à noite, os jovens passaram a fazer serenatas debaixo da janela da Irmã, que já não conseguia conciliar o sono. Foi-se tornando abatida. Seu físico enfraquecido não poderia agüentar semelhante situação por muito tempo.

E foi assim que, após pouco mais de seis meses de estada em Saint Georgen, as superiores julgaram por bem transferi-la para outra casa, em Hartmannsdorf, onde poderia continuar se dedicando ao magistério.

Em carta aos familiares nada conta do ocorrido. Apenas escreve:

"A vida na escola varia muito. Quase cada dia traz suas alegrias, mas também suas contrariedades. As crianças, em geral, são bem comportadas. Gosto muito de re-

memorar o meu tempo na escola primária. Guardei sempre grata recordação do meu primeiro professor, o Sr. Hermann. Aproveito agora para aplicar a meus alunos o método usado por ele”.

Teve sempre muito amor ao ensino, e em julho de 1925 confessa:

— *Quão bela é, para mim, a missão do magistério, particularmente quando a ela se junta a vocação religiosa.*

Em Hartmannsdorf, como acontecera em Saint Georgen, Ir. Clara leciona e ajuda nos serviços caseiros. Não sabe dizer “não”.

Sempre solícita com todos que a procuram.

Um raio caído de céu sereno

Tudo corria bem, quando no inverno de 1926 Ir. Clara adoeceu: tosse, febre, aparentemente um simples resfriado e um distúrbio gástrico. Chamado o médico, constatou-se: “tuberculose pulmonar”!

Foi, para ela e para todas, um choque, um raio caído de céu sereno. Devia deixar as aulas, a que estava tão afeiçoada, e fazer repouso, tratar-se. Viu, também, com certa amargura, distanciar-se seu ingresso na universidade em companhia de outra co-irmã — já previsto pelas superiores, que queriam formá-las para aulas em séries mais adiantadas.

Escreve ela mais tarde:

“A luta interior foi grande. Depois se fez calma dentro de mim. As Irmãs começaram uma novena a São José para pedir minha cura. Foram ouvidas. Terminada a novena não estava curada, mas conformada com a vontade de Deus”.

Cedo recuperou a serenidade e começou a sorrir de novo. Não importava ter saúde ou não, estudar ou não. Queria pertencer a Deus. Foi a primeira e, quem sabe, a mais importante vitória de sua vida.

A família, por enquanto, nada revela. Queria poupar-lhe mais este sofrimento.

Renascem chamãs de vida

Para facilitar-lhe o tratamento, mandaram-na para o vale do rio Enns, numa das residências das Irmãs. Com o repouso e o cuidado que o caso exigia, o mal foi cedendo. As manchas no pulmão chegaram a cicatrizar. As forças pareciam voltar.

Terminadas as férias, regressou à Casa-Mãe e, breve, poderia reiniciar suas atividades. Ali uma nova etapa de sua vida teria início. As semanas de repouso e silêncio contribuíram para o aprofundamento de sua vida interior. É o que se conclui lendo suas cartas. Numa delas afirma:

“Assim ficamos velhos, mesmo aos 21 anos. Esperamos que, com o passar dos anos, possamos perceber mais claramente

o sentido de nosso trabalho nesta terra tão pequena, conhecer o porquê de nossas dores e consolações, para não turvar nem perder de vista o alto”.

E, em outra, completa:

“Tudo me parece um curto sonho. Um dia nossa vida parecerá como se fora apenas um instante. Então pouco se nos dará o que passamos, se foi alegria ou sofrimento. Porém, ‘como’ nós o passamos, isto será essencial”.

“Doravante só dEle”

Os três anos de votos temporários estão chegando ao fim. Anseia ver o dia em que por toda vida se entregará ao Senhor.

Finalmente, a 30 de agosto de 1927, pronuncia os votos perpétuos. É um dia de festa para todos: comunidade e familiares. Os parentes de Ir. Clara não puderam estar presentes e a felicidade de sua entrega definitiva, ela a vive sozinha. E do âmago de seu ser exclama:

— *Agora, somente Deus! Para sempre!*

Um trecho de suas poesias celebra o acontecimento:

Hoje um juramento fizeste ante o altar,
foste escolhida para a legião das esposas,
permanece forte e firme enquanto ruger
a tempestade,

sê esposa heróica e digna de Cristo!
A Ele só teu coração com todo teu amor.
A Ele só até o fim da vida!
Lança-te agora na luta!
Teu Deus está contigo na dor e na alegria.
Seja unicamente Ele, no combate,
tua invencível Bandeira!
Tu e teu Deus!
Que força e que poder!

Com uma palavra e um olhar salva uma vida

É desse tempo um fato curioso de sua vida. Certo dia encontra, na escadaria da escola, uma moça chorando desesperadamente. Pára comovida, fixa nela seu olhar e lhe diz tão-somente:

— *Deus é amor!*

A moça, atônita, desabafa sua angústia íntima. Ir. Clara dedica-lhe a atenção de que necessita. Graças a isso a jovem recupera a confiança em Deus e nos homens. Mal suspeitava nossa Irmãzinha que seu gesto salvara uma vida.

Vida universitária

A vida de Ir. Clara é quase normal. Dá aulas e, ao mesmo tempo, se prepara para ingressar na universidade. Antes, porém, convicta de sua frágil constituição, quis saber do médico:

— Não estarei enganando a Congregação, fazendo estudos tão dispendiosos?

— Tranqüilize-se, Irmãzinha. Não iria aconselhar o que não fosse conveniente.

Após esse diálogo, já mais calma, dedica-se com afinco aos estudos. Presta os exames e é aprovada para os cursos de Alemão e Geografia.

Na época, reinava, ainda — tanto entre os estudantes como entre muitos professores universitários —, um espírito anticlerical e certa prevenção contra os religiosos. Não foi fácil superar tal ambiente. Só a perspicácia, a paciência, a cordialidade e a virtude de Ir. Clara conseguiram vencer tal barreira e, com o passar do tempo, inverter mesmo a atitude de todos, a ponto de terem-na como amiga, confidente, orientadora. Quanto a alguns de seus mestres, venceu surpreendentemente suas críticas e atitudes, por vezes maldosas. Um deles confessa após uma “guerrilha” de vários anos, durante os quais muito a fizera sofrer:

— Rendo-me à Irmãzinha. Fiz o que pude para prejudicá-la e prová-la. Hoje, percebo a grandeza de seu espírito.

Quatro anos eram decorridos. Chegava ao término do curso. Vencera a luta e se diplomaria com distinção. Faltava apenas a apresentação da tese que lhe daria o título de Doutora. O tema indicado foi “Romeu e Julieta no drama alemão”. O trabalho de Ir. Clara teve como subtítulo: “Pais adversários — filhos amorosos”. A pesquisa para o desenvolvimento desse assunto suscitou, no fundo de sua alma, dolorosas reminiscências. Recordava-lhe, sob algum aspecto, o drama vivido por sua própria família.

A tese apresentada pela religiosa foi admirável e lhe valeu ótimas referências, excelentes notas. Foi por todos elogiada. Ir. Clara conservava, todavia, aquela mesma e imperturbável modéstia. O título de Doutora não a comovia.

Toda para todos

Corria o ano de 1932. Terminados os estudos universitários, Ir. Clara pôde dedicar-se inteiramente às suas atividades e servir da melhor maneira a Congregação que a acolhera. Procurava ser toda para todos. Não media esforços. Nada recusava. Muitas vezes, apesar do sono, passava horas em claro para satisfazer o pedido de uma co-irmã. Incansável, mesmo durante as férias, ocupava-se de trabalhos que lhe eram solicitados. O que significavam estas ocupações somente o podem avaliar os que conhecem as exigências dos estudos, do magistério e o estado precário da saúde de nossa Irmã.

Tinha para todos um coração aberto, um sorriso, uma palavra. Gostava, sempre que podia, de ajudar as Irmãs mais simples que trabalhavam na cozinha ou em outros serviços caseiros. Procurava sua companhia no refeitório, no recreio, servindo-as com afabilidade. Tinha também especial predileção pelas Irmãs idosas e doentes.

Agindo desta forma, amenizava a tensão existente em algumas delas, que julgavam terem as Irmãs mais cultas um tratamento diferenciado. Por isso, diziam repetidas vezes:

— Irmã Clara é nosso anjo de caridade.

Poetisa e escritora

Como você já notou, Ir. Clara possuía talento artístico. Era de extrema sensibilidade e não muito expansiva, mas gostava de manifestar seus sentimentos através de poesias e outras composições literárias. Inúmeros são tais escritos que poderão formar um livro.

Neles, não se cansa de cantar o céu, o sol, o mar, a luz, as estrelas, o farfalhar das árvores, o gorjear dos passarinhos, a natureza enfim:

Ouvindo o murmúrio dos pinheiros
à passagem da brisa,
detenho minh'alma, escutando a canção.

Pinheiros queridos, que significa
vosso dolente cantar?

Às vezes, são vozes de paz
a penetrar-me o coração;
às vezes, bramidos furiosos
saídos do seio da terra...

Há, no fundo, oculta saudade
sonhando com terras ensolaradas,
e, como um suspiro, com a luz das alturas.

...E, o agir profundo de Deus em sua alma:

— Não posso mais!
Sou tão fraca, meu Deus!

— Tu não és fraca!
És um prodígio de força e coragem,
se te conduz minha mão. Toma-a!
Eu ta ofereço.

Uma composição sua, que se tornou marcante, foi a peça teatral intitulada *A alma*, onde relata o itinerário místico de uma alma e, quiçá, de si mesma, suas lutas, experiências e a vitória final do Amor.

Novamente no magistério

Entregou-se, igualmente, com todas as forças, à sua tarefa de educadora.

Logo de início, mais um sacrifício se lhe impôs: para lecionar na Áustria, deveria renunciar à cidadania checoslovaca e adotar a austríaca. Era a exigência do governo. Teve o cuidado, para não magoar a família, de explicar-lhe que se tratava apenas de formalidades legais. Em seu coração continuaria silesiana e seu amor à terra natal jamais se ofuscaria.

Nesse ano (1932) continuou morando em Eggenberg. Nos anos subseqüentes, residiu ora na Casa-Mãe, ora no convento da cidade, conforme sua saúde o permitia.

Ir. Clara tinha grande amor à natureza. Por isso, quando devia ficar na residência das Irmãs na cidade, comentava:

— Aqui sinto falta do verde das pastagens, da floresta, das flores, do chilrear dos pássaros.

De fato, apenas de uma das janelas do 4.º andar é que se pode divisar, ao longe, um pouco das florestas vizinhas e o cume das montanhas.

Lecionava Alemão e Geografia para diversas turmas do 2.º grau.

Apesar de sua bondade, era firme e exigente. Queria que suas alunas realmente aprendessem. Educava-as para o senso de responsabilidade, para a sensibilidade a tudo que é bom e belo, para o respeito às pessoas.

Ali, também, sobretudo as séries mais adiantadas, e só acostumadas com professores leigos, fizeram-na sofrer. Mas ela, imperturbável, conseguiu não perder a calma e, pouco a pouco, conquistar a simpatia das alunas, que passaram a reconhecer nela uma professora ideal.

O diretor exigiu que a chamassem pelo título de Doutora. Pretendia, com isso, destacar o fato de a religiosa possuir grau acadêmico, como os demais professores. Fê-lo, outrossim, visando o maior prestígio da escola.

Não percebeu, porém, o quanto isto a contrariava, não só por ferir sua modéstia, mas também por torná-la alvo de críticas e incompreensões por parte de companheiras mal informadas. Era mais um espinho que ela, silenciosamente, suportou e ofereceu ao Senhor.

Novos trabalhos

Embora nunca estivesse bem de saúde, sua disponibilidade para tudo fez com que, muitas vezes, lhe solicitassem tarefas que só com heróico esforço conseguiu executar.

A pedido do diretor, organizou duas bibliotecas, substituiu um professor de Etnografia, auxiliou na direção da escola, e só não se viu à frente

da mesma, porque seu estado físico não lho permitiu. Ao vê-la sempre sobrecarregada, uma das Irmãs adverte-a:

— Nunca mais hei de advogar sua causa. Cada vez que consigo tirar-lhe um fardo, é para que lhe venha outro maior.

Ao que ela, sorrindo, replicou:

— A Providência assim o quer. Deus trabalha por mim.

Não lhe faltaram, contudo, críticas ferinas como esta:

— É preciso ser Doutora para colar livros horas a fio?

— Não importa o trabalho, importa como você o faz. O essencial é invisível...

Em meio a tudo isso, nunca perdia seu bom humor. Às vezes, ela e outras companheiras não podiam tomar refeições na hora certa. Por esse motivo, numa sala reservada, havia sempre alguma provisão. Vez ou outra, encontravam sobre a mesa um bilhete seu: "Filei um sanduíche. Fome!".

Como necessitasse de repouso após as refeições, era invariável encontrarem, na sala, o seguinte aviso: "Favor acordar-me às três. A Irmã preguiçosa".

Reaparece a doença

Em 1935, a tuberculose — que parecia haver estacionado — manifesta-se de novo. Agora, não

mais nos pulmões, mas nos intestinos. Os médicos relutaram em aceitar esse diagnóstico, pois a ciência médica, na época, era impotente em tal caso.

Em abril desse ano foi obrigada a submeter-se a uma operação. Voltando a si da anestesia, ouviu do médico a expressão: "focos de bacilos". E, depois, com ar casual, perguntou à enfermeira que a conduzia:

— Que significa a expressão "focos de bacilos"?
Ela, de nada suspeitando, responde:

— Trata-se de estágio adiantado da doença, e um paciente nessas condições tem no máximo dois anos de vida.

Ir. Clara silenciou. Percebeu que sua volta ao Pai estava próxima. Urgia aproveitar o tempo que lhe restava para irradiar ainda mais, nos corações, o amor de Deus.

Um mês antes havia escrito:

"Quem se lança no oceano infinito do Amor Divino, nele submerge, mas encontra com isso a vida" (*Diário* 19/03/1935).

Por alguns meses, foi obrigada a afastar-se de suas atividades. A luta contra o mal não mais cessou. Passava as férias em repouso, refazendo-se aparentemente da enfermidade, até que em princípios de 1937 não mais agüentou. Foi indispensável interná-la no sanatório das Irmãs de Santa Cruz, em Graz.

Ali também foi vítima de incompreensões, como testemunha o seguinte fato. Visitava-a uma

co-irmã, no momento em que uma servente lhe trouxe o lanche. Ir. Clara sofria muito e disse:

— Hoje me é impossível comer qualquer coisa!

— Pois conosco a senhora vai aprender a comer! — disse a servente.

A co-irmã não se conteve:

— Conheço Irmã Clara. Leva isso daqui! Ela não agüenta.

Assustada, a servente levou a comida.

— Que fez, Irmã?

— O que devia ter feito. Por que não diz palavra?

— Nada mais me magoa. É uma pobrezinha. Não sabe o que diz. Deus me basta e me dá forças!

Convicta de que não mais se curaria, pediu:

— Não me deixem morrer fora da Casa-Mãe. Quero acabar meus dias lá onde comecei minha vida religiosa.

Seu desejo foi atendido. No dia 10 de abril voltou a Eggenberg.

Todos, enfim, compreenderam não haver mais esperanças. Sua vida definhava a olhos vistos.

Difícil comunicado

Chegara o momento em que Ir. Clara devia notificar aos entes queridos o seu estado. Até então havia feito de tudo para disfarçar. Agora não era mais possível. Bem sabia o impacto que semelhante notícia lhes causaria.

Um trecho da carta de despedida diz:

“Deus sabe o que é melhor para nós, embora nem sempre o compreendamos. Vejam, quando me ausentei de casa para atender a voz do Senhor, julgava que não mais nos veríamos. Mas, Ele nos deu a felicidade de nos podermos rever tantas vezes. Não esqueçamos de agradecer-lhe por isso. E, não fiquem abatidos se agora sua ‘Rosinha’ não volta mais. Todos devemos, um dia, voltar à verdadeira pátria e eu vou com tanta boa vontade. Se soubessem quanto carinho e atenção recebo aqui!...

Quanto à viagem para cá... Oh! Eu lhes quero tanto! Mas, sei que é impossível! Rezemos, pois, uns pelos outros. Isto nos fará bem. Se, o que é provável, não nos encontrarmos mais nesta vida, lá na outra nos veremos e... para sempre.

Adeus, mãezinha! Adeus, Tili!”.

Aos que lhe eram mais próximos — Irmãs, alunas, amigos — escreveu, como despedida:

“No amor não há separação!
A todos saúdo, sinceramente.

Sua Rosa (Irmã Clara)”.

“Quando, Senhor, verei a beleza de vossa face?”

Durante os catorze anos de sua vida religiosa, Ir. Clara trabalhou com energia inquebrantável.

Teve ela, porventura, o pressentimento de seu trânsito precoce? Será por isso que, com vontade férrea, reuniu todas as suas forças a fim de servir a Deus e à Congregação, tão bem quanto possível, até o derradeiro ato heróico de sua carreira?

Não olvidemos, contudo, que esse devotamento, esse desapego às coisas materiais, sua íntima união com o Senhor, não os conquistou de repente. Estava sempre pronta a recomeçar. Repetidas vezes lemos em seu diário: “Cada dia com novo zelo, com novo amor”.

— No meu caminhar para Deus — disse um dia a uma co-irmã —, comecei com Nossa Senhora, pois ninguém serviu melhor a Deus que ela. Não foi ela a escrava do Senhor? Assim principiei, também eu, oferecendo a Ele meu pobre serviço.

De outra feita, declara:

“O que importa não é o êxito, mas o esforço; não é o encontrar, porém o procurar. Quem me dera procurar! Que Deus se deixe encontrar não tenho a mínima dúvida. Mas, é preciso não desanimar; sempre procurar...” (*Diário* 31/12/1933).

Meses antes de sua morte, escreve:

“Estou pobre e ao mesmo tempo tão rica. Nada mais possuo. Tudo caiu como caem as folhas das árvores. Só a árvore ficou” (*Diário* 10/11/1936).

Quem a observasse um pouco, quem a contemplasse no seu leito de dores, poderia entender como Deus atrai a si uma alma.

Na peça teatral que escreveu, refere-se à primeira manifestação, forte e suave, de Deus à sua pessoa:

“Anos lá se vão, estava eu, esquecidas horas de silenciosa noite, fazendo guarda amorosa ao pé do santo tabernáculo. O que então se deu, não te posso explicar. Porém... desde então uma só pergunta revolve-me o coração: Senhor, quando rompereis o invólucro deste frágil corpo? Senhor, poderei, em breve, deixar este mundo? Senhor, quando verei a beleza de vossa face?”.

Espinhos, sofrimentos na vida de Ir. Clara? Quem ousará responder negativamente? Sua inalterável serenidade, a harmonia sobrenatural de seu espírito, que todos admiravam, foram frutos de prolongadas lutas, que soube esconder ciosamente nos mais profundos escaninhos do seu coração. Trouxe ela consigo, por muito tempo, o germe da grave enfermidade que a vitimou, jamais podendo agir com todas as suas forças. Só este fato se constituiu em um sacrifício constante. Nos seus últimos dias, revela:

— *Minha vida foi brilhante externamente; interiormente, porém, bastante penosa.*

Onde encontrou forças para tudo?

Nas horas mergulhadas em oração, no seu amor profundo à Eucaristia, na leitura dos Livros Sagrados.

“Em toda parte meu olhar procura a branca Hóstia, e meu coração, Aquele que nela está” (*Diário 29/12/1935*).

“Levanta-te e vem!”

Domingo, 13 de junho de 1937. Ir. Clara está muito debilitada. Nos olhos, um brilho tênue, mas eloqüente. Todos querem vê-la e despedir-se dela. A cada um estende a mão:

— Sim, eu sei! — são as suas palavras. E seu olhar diz o resto.

Terça-feira, 15 de junho. A doente está exausta, banhada em dores. Recebe a Santa Comunhão. A enfermeira ousa perguntar:

— Pensa que Jesus virá buscá-la hoje?

— Sim —, responde, com o mais belo dos sorrisos.

— E como se sente à chegada do Senhor?

— O coração, de fato, teme um pouco ao ver aproximar-se a grande eternidade.

Horas depois, recebe a visita do seu diretor espiritual, Mons. Lourenço. Vendo aproximar-se o derradeiro momento, após tê-la confortado com palavras de fé e coragem, ele lhe faz um pedido:

— Permite que eu me utilize de algumas de suas cartas em que fala de sua vida interior?

— Sim, se isto puder servir para a glória de Deus.

Em seguida, faz um gesto com a mão, apontando a gaveta de sua escrivaninha. O diretor a abre, tirando dali dois cadernos.

— É isto?

— Sim; tomai-os e fazei deles o que vos aprouver.

Era o seu belo *Diário* — a história de sua alma —, do qual até aí havia guardado segredo.

O sofrimento aumenta minuto a minuto. Cheia de gratidão, ainda acha forças para oscular as mãos das superiores e balbuciar:

— Deus lhes pague por tudo.

Entra depois em agonia.

As Irmãs a rodeiam. As que não encontram lugar no quarto ficam fora, rezando.

Às 8 horas e 45 minutos a lividez da morte invade sua face, e resplandecente beleza transfigura-lhe os traços. Os sofrimentos terminam. O sino do convento toca.

Todos, em uníssono, exclamam:

— *Irmã Clara atinge a meta. Está com Deus! Por almejar a sua beleza, colhe-a o Senhor.* — E um solene "Magnificat" desabrocha dos lábios dos presentes...

Embora com lágrimas nos olhos, pela dolorosa perda, todos sentem uma tranqüilidade inexplicável.

No esquife, deitam-na entre rosas brancas, campânulas e lírios, qual esposa de um rei. E lá

está: branca, pura como as flores que a cobrem, o sorriso nos lábios a irradiar paz.

... E a luz da estrela, escondida em seu íntimo, desde quando, nos seus quinze anos, batera às portas do claustro, brilha agora muito alto, lá nos páramos eternos, iluminando-lhe o caminho que a conduz aos braços do Pai:

— *Levanta-te e vem!*

Levantando o véu

A Congregação da Serva de Deus, Ir. Clara Fietz (Franciscanas da Imaculada Conceição), acha-se hoje difundida em muitos países de quase todos os continentes (Europa, América, África e Oceania). No Brasil, possui vinte casas espalhadas pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina. A educação das crianças, jovens e adultos, sobretudo em meios mais carentes, é, ainda em nossos dias, uma de suas principais atividades. Mas, está disponível para os apelos da Igreja e, por isso, seus membros trabalham também em hospitais, em obras de assistência social e em pastorais nas paróquias.

Todas temos em Ir. Clara uma protetora, um exemplo e um estímulo no seguimento de Cristo.

Acaso não caberá aqui o depoimento de Mons. Lourenço Brandstätter, diretor espiritual da Serva de Deus Ir. Clara, após receber de suas mãos o diário espiritual? Assim se expressa ele:

— Muitas religiosas conheci que morreram em odor de santidade, mas permanecem ocultas em

Deus. Esta, porém, o Senhor no-la quis revelar, através de seus escritos, para nos dar ensejo de louvar as maravilhas de sua onipotência, de seu amor e nos servir de luz e guia para a verdadeira Pátria.

“Quando, no fim de minha vida me achar inteiramente pobre, Deus há de tomar-me nos braços e enriquecer-me” (Diário 13/09/1934).

SE VOCE...

- *Se você chegou ao final deste pequenino livro, creia: você é uma alma nobre, sensível e de fé, porque só quem é bom e crê, se agrada com semelhante leitura.*
- *Se você, no decorrer da leitura, sentiu alegrias e tristezas, fique feliz, porque você é gente.*
- *Se você foi capaz de guardar, da leitura, uma única mensagem que seja, para sua vida, acredite: você será mais gente, mais irmão, mais irmã. Porém:*
- *Se você tiver coragem de levar esta mensagem a outras pessoas, saiba: você estará sendo um Arauto de Deus-Amor. E estará lutando para que:*
- *“Todos tenham Vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).*

*Cidade de Maria (Barretos),
1.º de janeiro de 1984.
(Dia da Paz)*

ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO
DA SERVA DE DEUS, IRMÃ CLARA FIETZ

Ó Deus, Vós sois o Amor, e quereis que todos os homens vos amem e carreguem sua cruz em espírito de penitência, concedei que Vossa Serva, Irmã Clara, tão admirável no seu amor a vós e ao sofrimento, chegue à honra dos altares para levar muitas almas a vós.

Por Cristo Nosso Senhor. Amém.



FRANCISCANAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO - FIC

Casa Provincial São José

Av. Prudente de Moraes, 659 - Cx Postal: 463
CEP: 14801-970 (14801-170) - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-6300
E-MAIL: vocacoes_fic@terra.com.br
SITE: <http://www.irmasfranciscanas-fic.com.br>

EXTERNATO SANTA TEREZINHA

Av. Barroso, 760 - Cx. Postal 463
CEP - 14.801- 970 (14801-160) - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-7341 - FAX - (16) 3303-1582

E-MAIL: geral@externatoescola.com.br
SITE: <http://www.externatoescola.com.br>

FIC - Comunidade Madre Joana Batista

Rua 30, nº 950
CEP - 14780-120 - Barretos - SP
FONE: (17) 3322-5947

FIC - Comunidade Madre Sieglinde (Coleginho)

Av. Barroso, 732 - Cx. Postal 463
CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-7340

FIC - Comunidade Madre Júlia

Rua 7 de Fevereiro, 1299 - Vila Amêndola
CEP - 15801-160 - Catanduva - SP
FONE: (17) 3522-7962 - E-mail: ficdamamju@terra.com.br

ASPIRANTADO SANTA CLARA

Av. Barroso, 622 - Cx. Postal 463
CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3335-9892

FIC - Comunidade Irmã Clara Fietz

Rua Porto Ferreira, 466 - Jardim Cruzado
CEP - 14815-000 - Ibaté - SP
FONE: (16) 3353-7124 (Residência) - (16) 3353-7414 (Igreja)

LAR NOSSA SENHORA DAS MÊRCES

Rua: Voluntários da Pátria, 2154
CX POSTAL: 463 - CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3336-7337
E-MAIL: seprosic-seprosic@ig.com.br

LAR SANTANA

Rua: Conselheiro Dantas, 984 - Vila Tibério
CEP - 14050-400 - Ribeirão Preto - SP
FONE E FAX: (16) 3625-0598
E-MAIL: larsantana@terra.com.br

LAR SANTA TEREZINHA

Av. Senador Montandon, 735 - Cx. Postal 30
CEP- 38180-970 - Araxá - MG
FONES: (34) 3661-2328/ 3661-1895 FAX: (34) 3662-3073
E-MAIL: seprolar@terra.com.br

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES

Rua Aureliano Lessa, 127 - Água Rasa
CEP - 03342-010 - São Paulo - SP
FONES: (11) 2605-6511/ 6605-6411 PABX- (11) 2607-6234
FAX: (11) 2605-6598/ 2605-6604
E-MAIL: cnsl@cnsl.g12.br
SITE: <http://www.cnsl.g12.br>

COLÉGIO MADRE FRANCISCA LAMPEL

Rua São Pedro, 125 - Cx. Postal, 35
CEP - 89110-970 - Gaspar - SC
FONE E FAX: (47) 3332-0935
E-MAIL: lampel@lampel.com.br
SITE: <http://www.lampel.com.br>

